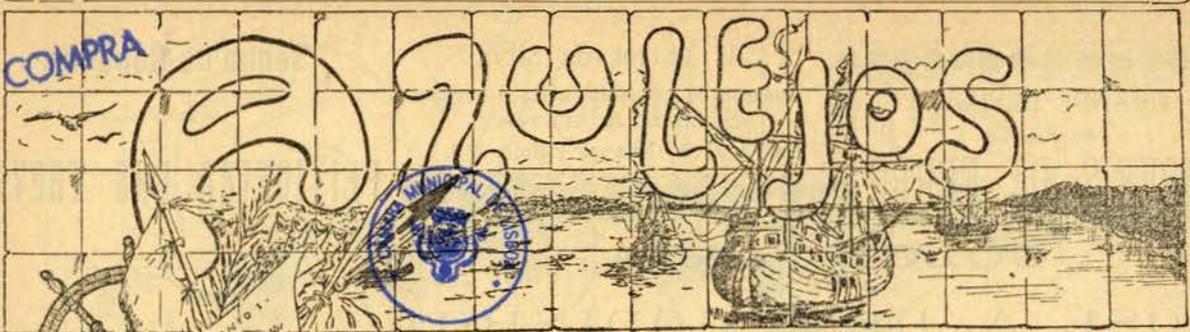


J. 101 FH

COMPRA



*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

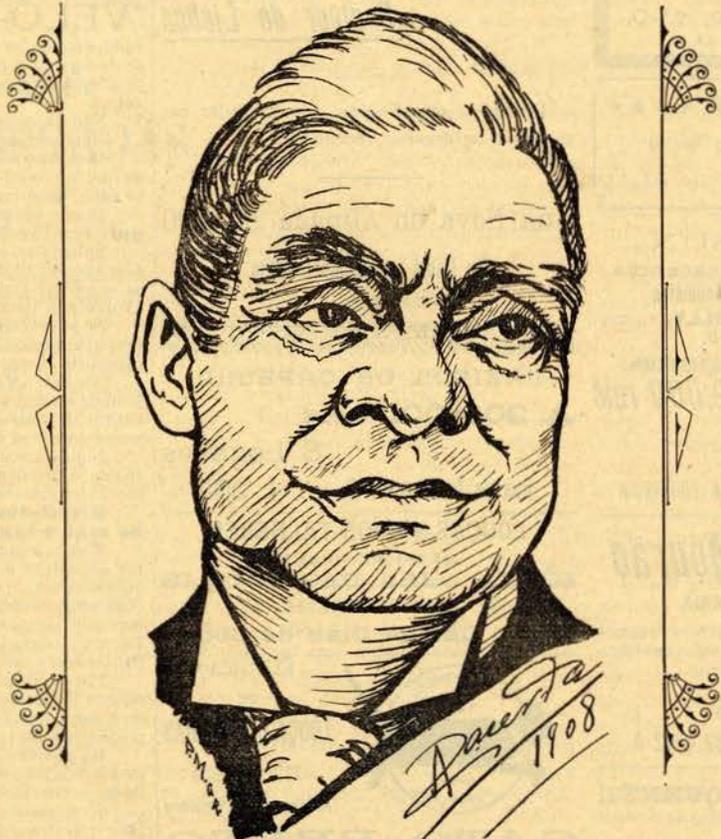
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA
 Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
23 DE MARÇO DE 1908
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias 400 »
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6.000 exemplares.

OS NOSSOS
 Joaquim d'Almeida



Com o Papá Lebonnard
 Volve este brilhante artista,
 No Normal a figurar,
 Palco onde devia estar
 Por direito de conquista!

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

Senha de Consulta
DO
FEITICEIRO DAS TREVAS



As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA.

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS
DE
Joaquim José d'Almeida
Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA
(Antiga C. do Collegio)
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e concordes para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 às 11

ANACLETO DE OLIVEIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 15000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receptuario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brinde
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)



À NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de

"VELO-PORTUGAL"
vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes d'imitadores. Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordel empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, sobremos guindar o nome do nosso estabelecimento. Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletes das mais modestas as de maior luxo por preços rasoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preço fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggêr que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

COMPRA

O ZÉLIO

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

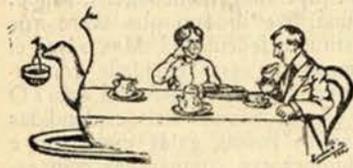
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officina d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 23 DE MARÇO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias..... 400 •
 Brazil (moeda forte)..... 900 •

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



Vae decorrendo serenamente a quaresma. Approximase a serração da velha, a *mi-carême* dos francezes, frase que melhor explica ter-se chegado ao meio d'este tempo de penitencias e procissões.

Ha uns cincoenta annos, proxima-mente, fez-se como era costume a procissão de Passos, saindo o andor da igreja de .. no Ribatejo, para a de... que distava da primeira cerca d'uns dois kilometros. (Os nomes das aldeas não vem para o caso e não queremos pôr em evidencia os descendentes dos devotos que foram a causa do acontecimento.)

A imagem do Senhor dos Passos, em que só mechiam de anno a anno, fôra de tal maneira atacada pela traça que se desfez em pocira e, a procissão annunciada, para a qual se haviam feito já algumas despesas, naufragava no escolho caruncho. Pediram pelas igrejas dos arredores uma imagem que podesse servir para o acto, mas não havia cousa que prestasse.

A mesa da irmandade formulava propostas sobre propostas, os alvitres appareciam aos centos, mas

nenhum d'elles era aproveitavel e a sexta feira avançava com rapidez vertiginosa.

N'este momento psicologico, o barbeiro da terra que era um dos mesarios mais influentes e de mais idéas pediu a palavra e disse :

— Lembro-me d'uma solução que pode salvar-nos.

— Diga, diga, exclamaram todos.

— O Manoel Joaquim, (era um pobre indigente que vivia na freguezia e a quem davam os sobejos para não morrer de fome) tem uma cara muito parecida com a do nosso Senhor dos Passos; se elle quizesse, a troco de alguns tostões ...

— Se elle quizesse o que ?

— Fazer de Senhor dos Passos. Vestia-se, amarrava se bem em cima do andor, punha se-lhe a cruz ás costas e estava tudo arranjado.

— Estamos salvos; é uma idéa genial e o Manoel Joaquim não resiste a um pinto, ou tres de doze. Vá-lhe fallar já, mestre Anastacio.

O mestre Anastacio que havia mais de meio seculo *escamava* os queixos a todos os habitantes da aldeola e ainda ás vezes era chamado para deitar umas bichas nos arredores, saiu logo e minutos depois voltava para annunciar que o Manoel Joaquim aceitava o papel, mas que não o fazia por menos de dois pintos.

Os mesarios discutiram o preço, que lhes pareceu exagariado, mas afinal aceitaram, e preparou se tudo para que não houvesse algum contratempo; fizeram-se uns dois ou tres ensaios que correram admiravelmente e no dia da procissão o Manoel Joaquim de tunica e pés e mãos bem lavados foi para cima do andor onde foi solidamente amarrado.

Manoel Joaquim e andor eram uma peça só e nem um cataclismo seria capaz de separa-los.

Puzeram-lhe a cruz ás costas e a corôa de espinhos, que era feita com um pilriteiro deixando a testa do pobre homem a escorrer sangue, apesar dos gritos e protestos, e a procissão poz-se em marcha.

A aldeia em peso acompanhou o Manoel Joaquim e algumas devotas, que não conheciam o segredo, achavam na imagem uma expressão de sofrimento verdadeiramente divinal. A corôa de espinhos ia fazendo o natural effeito, mas o Manoel Joaquim queria ganhar honestamente os dois pintos ajustados e resignava-se.

Tinha decorrido uma meia hora e a procissão ia a meio da estrada, quando ao longe se notou uma nuvem de poeira. Pararam todos e momentos depois viram que se aproximavam uns doze touros apartados para a corrida do proximo domingo e que seguiam da lezíria para Lisboa.

O que então se passou foi indscriptivel; devotos e devotas, irmãos e irmãs fugiram espavoridos e os oito homens que carregavam o andor largaram-no na estrada e fugiram.

Cinco minutos depois os touros estavam em cima do pobre Manoel Joaquim e os gritos que soltava atrahiram a attenção dos bichos que não lhe pouparam cumprimentos e caricias. Acudiram-lhe os campinos e livraram o pobre velho de morte quasi certa, mas tinha um braço partido e o corpo cheio de contusões.

Quando a irmandade voltou, o Manoel Joaquim estava desmaiado. Então á força de baldes d'agua conseguiram reanimar o pobre homem que exclamava indignado :

— Diabo os levem a vocês todos e mais á idéa que tiveram; n'esta terra nem se pode ser Senhor dos Passos.

JOÃO PACIFICO.

EDMUNDO DE AMICIS

A'quelles que o lêram

Conheci-o pelos seus escriptos, o mesmo é que dizer pelas exteriorisações da sua grande alma, pelas sobrias manifestações do seu preclaro ingenho.

Li-o e amei-o. E' que o espirito tem, da mesma forma que o coração, razões que a propria razão desconhece.

Mas porque a leitura das suas obras incomparáveis me deu tantos momentos d'um inenarravel prazer espiritual, julgo me no dever de deixar-lhe aqui estas singelissimas palavras de saudade, tanto mais livremente, quanto elle jamais poderá agradecer-m'as.

Foi ha dezeseis annos que eu li no Porto, pela primeira vez, o seu formoso livro *Spagna*, e digo primeira vez, visto que desde então o meu espirito tem ido recrear-se n'essas deliciosas paginas d'um atticismo encantador, d'um tão grande e communicativo enlevo como jamais encontrei outras.

Porque atravez d'ellas não ha só a descripção minuciosa e precisa que nos permite vêr e estudar as regiões percorridas pelo eminente escriptor, mas o burilado da phrase, o castiço da linguagem, a suavidade da expressão, a singeleza e espontaneidade da narrativa, desenvolvendo-se e accentuando-se na reproducção polychroma da paisagem, no impeccavel desenho dos caracteres, na detalhada exposição dos usos, na maravilhosa e empolgante analyse dos tipos e dos costumes.

Fica-se emfim conhecendo a Hespanha— não é isto verdade? — sem nunca a termos atravessado, ou atravessando-a tantas vezes quantas nos seja dado lêr esse precioso volume do grande escriptor agora morto.

Veja-se por exemplo esta descripção de Cadiz:

— «E' a cidade mais branca do mundo; e escusam de me objectar que eu não vi todas as cidades, porque eu tenho por mim esta boa razão, que não pode haver cidade mais branca do que uma que é completamente e superlativamente branca. Cordova e Sevilha não tem nada que dizer: são brancas como o papel; mas Cadiz é branca como o leite. O melhor meio de dar ideia d'ella seria escrever mil vezes a seguir a palavra «branca» com um lapis branco sobre papel azul e pôr á margem: «Impressões de Cadiz».—

Querem-na porventura mais bella e mais suggestiva?!

E se este livro podia, só por si, fazer a reputação de Edmundo de Amicis como homem de letras d'um grandissimo valor, convem não esquecer que os seus *Contos militares*, o seu livro *Ricordi*, constituído por impressões da guerra da independencia, *La Olanda*, *Il Marrocco*, *Constantinopla*, *Ricordi di Londra* e *Sobre o oceano*, são outras tantas obras primas que ficarão atravez dos tempos como marcos milliaris da litteratura italiana.

O seu livro *Ricordi*, é, como dissemos, constituído por impressões colhidas na guerra contra a Austria, livro vivido pelo auctor e por elle certamente planeado entre o ardor dos combates, pois sabido é que Edmundo de Amicis tambem foi soldado e nos campos de batalha, entre os gritos dos agonisantes e as imprecções dos vencidos, o escriptor glorioso rapido se transformava no militar cheio de fé, de patriotismo e de indomita bravura, batendo-se como um leão e expondo-se como um louco pela integridade e independencia da sua patria.

Esta qualidade mais o impõe á minha sympathia e o torna maior perante a minha admiração, como se esse homem que acaba de morrer com 62 annos apenas — mas que nunca devia ter morrido —, no tranquillo isolamento da sua residencia de Bordighera fosse mais do que um genio, por ser um santo, ou ter alguma coisa de divino.

Deixei propositadamente para o fim o seu

notabilissimo livro *Il Cuore*, que melhor fóra ter-se chamado a *Biblia das Escolas*.

De facto, o que se contem n'essas trezentas e tantas paginas de prosa compacta, que não sejam lições de moral, exemplos de abnegação e de altruismo, actos de patriotismo e de devoção civica, praticas emfim, das mais nobres e sublimes virtudes?

E que magistral trabalho, que adoravel tratado de psychologia infantil não é esse volume a que o auctor deu a forma simples d'um diario de estudante das primeiras classes, que vae apontando, dia a dia, tudo quanto faz e tudo quanto vê, sob o mais fino e intelligente criterio!

Folheia-se com enlevo e no fim de cada exemplo o leitor suspende-se e medita não já sobre o que leu, que isso ficou-lhe realmente gravado no coração, e talvez por isto a razão d'aquelle singelo titulo, mas no inequalavel talento do homem que produziu tão precioso labôr, labôr que não tem igual em nenhuma litteratura do mundo, como já alguem o affirmou, que por isso mesmo é inacessivel á analyse dos criticos, como tudo quanto excede as mais bellas concepções humanas, mas sobre o qual toda a critica se resumiria n'uma benção para aquelle que o escreveu!

Por tudo isto e ainda pelo mais que apenas posso sentir n'este momento, em que vejo para sempre extinto o formosissimo espirito de Edmundo de Amicis, terminarei dizendo que se alguma vez tivesse ido á Italia, não me teria esquecido de ir beijar-lhe as mãos patricias, como ao pontífice maximo d'uma litteratura que tanto e por tantas vezes me deliciau!

Durma em paz, coberto pelas benções dos seus concidadãos e pelas rescentes flores d'essas campinas romanas que elle tanto amou, o sublime escriptor que foi não só uma gloria da Italia mas da raça latina, e cuja origem faz bem recordar no proprio momento em que elle para sempre se esconde ao nosso enternecido olhar, como um doloroso e inesperado eclipse da mais bella e fulgurante luz!

Lisboa, 14 de março de 1908.

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

ESPIRITISMO

ESPIRITOS FELIZES

A CONDESSA PAULA

Bella, joven, rica, esta senhora era tambem um perfeito modelo em qualidades intellectuaes e moraes. Era boa, meiga e indulgente, sempre prompta a desculpar ou attenuar o mal para que elle não produzisse todos os seus perniciosos effeitos. Jamais a maledicencia lhe maculou os labios. Sem arrogancia nem austeridade, fazia-se respeitar pelos seus criados tratando-os com uma benevolencia que nada tinha de baixa familiaridade nem de humilhante protecção. A sua beneficencia era inexgotavel, mas não d'essa beneficencia que se ostenta á luz meridiana; timbrava em descobrir os mais pungentes infortunios, as miserias occultas, e só Deus sabe quantas lagrimas enxugou, quantos desesperos acalmou, pois que taes virtudes só tinham por testemunhas os infelizes a quem socorria. Era a caridade exercida de coração e não por vangloria, com

aquella delicadeza que eleva o moral do indigente em vez de o rebaixar.

Satisfazendo plenamente e sem mesquinhez ás exigencias da sua posição, tão bem administrava a sua casa que não chegava a gastar metade do que a outros seria necessario para tanto, e evitando desperdicios e superfluidades procurava quanto possivel augmentar o avultado quinhão destinado aos necessitados. Assim encontrara meio de conciliar os seus deveres para com a sociedade e para com os desprotegidos. Morreu aos 36 annos.

Um dos seus parentes, iniciado no Espiritismo, invocou-a doze annos depois, e obteve, em resposta a diversas perguntas, a seguinte communicação:

«Tens razão, meu amigo, em pensares que sou feliz. Assim é, effectivamente, e muito alem do que a linguagem pode exprimir; e todavia estou ainda bem longe do grau que devo attingir! Vivi entre os felizes da terra, pois não me lembro de ahi haver experimentado um só desgosto real: juventude, homenagens, saude, fortuna, tive tudo o que entre vós constitue a felicidade! Mas o que é, no emtanto, essa felicidade comparada com a que se disfructa aqui? O que são as vossas mais esplendidas festas, as vossas galas mais ricas e deslumbrantes, comparadas com estas assembleias de Espiritos resplendentes de um brilho que a vossa vista não poderia supportar e que é o apanagio da sua pureza? O que são os vossos palacios, os vossos salões dourados, em comparação com estas moradas aereas, com estas vastas regiões do espaço matizadas de côres que fariam empallidecer o arco-iris? O que são os vossos passeios por esses parques, a passos que se podem contar, comparados com estas excursões atravez da immensidade, mais rapidos do que o relampago? O que são os vossos horizontes limitados e nebulosos comparados com o spectaculo grandioso dos mundos movendo-se no universo sem limites sob a potente mão do Todo-Poderoso? Como são tristes e monotonos os vossos mais melodosos concertos em relação a esta suave harmonia, que faz vibrar os fluidos do ether e todas as fibras da alma! Quão tristes e inspidas são as vossas maiores alegrias comparadas com a ineffavel sensação de felicidade que penetra incessantemente todo o nosso sêr, n'um effluvio benefico, sem a menor mescla de inquietação, de apprehensão, de soffrimento! Aqui tudo respira o amor, a confiança, a sinceridade; por toda a parte corações amorosos, por toda a parte amigos, e por toda a parte ausencia completa de ciumentos e invejosos! Tal é o mundo em que me encontro, meu amigo, e ao qual chegareis infallivelmente, se guardes o caminho recto.

(Continúa).



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

Quando a vi imóvel, descalcei a luva da minha mão direita e comecei a remechar as algibeiras da minha victima afim de encontrar as chaves. Lá estavam: Começou então a visita a armarios e gavetas: quando não encontrava a chave propria arrombava, «a murro, a ferro, de qualquer modo.—Forcei a secretaria; só continha papeis. Corri a outros moveis, por fim encontrei dinheiro em ouro e joias. Ia metêr tudo no bolso quando de repente divisei luz no quarto do lado. Alguem havia entrado. Espreitei! «Era a criada que voltava das compras e que, tendo entrado sem fazer ruido, caminhava tendo na mão um candieiro acêso.

«O mêdo apoderou-se de mim, abandonou-me o sangue frio. Vi-me preso, perdido!

«De repente, a criada deu com os olhos em mim e disse-me:

— Que faz o sr. aqui?

«Atirei-lhe um murro valente. A mulher cahiu: vendo-a no chão, pensei em degolal-a e atirei-me a ella com a faca.

«A mulher defendia-se com alma, de modo que, nem mêsmo sei como nem onde a feri. O candieiro caíra e apagara-se.

«Por fim a criada, ferida com ancia, ficou imóvel. Julguei-a morta: deixei cair a faca e saí.

«Quando cheguei á escada, o ar fresco reanimou-me; cobrei animo e desci placidamente.

«Cumprimentei a porteira e pedi-lhe cortezmente o favor de fechar a porta.

«Achei-me na rua: estava salvo! Metendo por acaso as mãos nas algibeiras encontrei a faca pequêna, a que não tinha servido. Resolvi desfazer-me daquela arma e lancei-a numa sargenta que encontrei á esquina da rua Crussol; em seguida dirigi-me a um «chalet d'aisance» que está situado mêsmo em frente do Circo d'Inverno, e entrei. Encontrando-me só, tratei de lavar as mãos e de fazer desaparecer, o melhor que pude, algumas nodoas de sangue que divisei na manga do meu casaco d'abafar. Pentiei-me, escovei-me e saí. Dirigi-me em seguida ao boulevard Beaumarchais, a casa de M.^{me} L. D... onde entrei ás cinco e um quarto. Jantei ahí e passei lá o resto da noite.

«Quem ouvisse Anastay fazer esta descripção, diria que esse homem, não só fazia gala em confessar-se assassino, mas que, tambem, premeditára minuciosamente o terrivel crime. Contou-nos que hesitára entre o revolver e a faca, e que passára longas horas namorando os mostruarios dos armeiros antes de decidir-se a entrar no grande bazar da rua da Republica.

«Quando terminou a narrativa, Anastay deixou cair a cabeça entre as mãos, apertou-a fortemente e disse:

«—E agora, meus srs. que disse tudo, que sabem tudo... verão a coragem com que heide pagar a divida que contraí... Heide morrer como um soldado!»

(Continúa).

Mascaras illustres



Gonçalves Crespo

REALIDADE

(Aos meus amigos José e Manuel Mantua)

...a posse da mulher desejada é a alegria das alegrias... pintada pela mais viva fantasia nas horas do desejo, apparece-nos menor do que aquelle quadro, quando o altar arrefece e o incenso se apaga... depois d'uma adoração exagerada, sobrevem naturalmente a injuria do desprezo injusto.

— PAULO MANTEGAZZA —

Era um anjo d'amôr... celestial candura! Riso transcendental, ophelico, divino... Um nobre coração no peito alabastrino... Meiga visão, etherea... altiva, bella e pura!

Houve um homem, porém, de bestial amôr, O craneo ensandecido, louco... irracional, Que desfolhou sem dô, n'um impeto brutal A radiante c'rolla a tão mimosa flôr!

E após ter saciado o seu feroz desejo No delirio infernal d'um prolongado beijo Deshonrada a lançou nos antros do prazêr...

E agora, olhando, eu vejo a pobre corrompida, A linda e pura flôr já toda emmurchecida, Chorando... a rir... a rir! Sofrendo... até morrêr!

Lx.^a-12-Março-90s.

MAG-ILLERNO.

CLARISSE

(Continuação)

VI

Durante este tempo a scena tinha mudado de aspecto. As duas margens do Aulne afastavam-se e os horizontes tornavam-se maiores. A agua passava do azul ao verde. Algumas gaivotas brincavam bafejadas pela

brisa cuja frescura annunciava a aproximação do mar. Iamos effectivamente entrar no porto de Brest. O campanario de Laudévence e as ruinas da antiga abbadia appareciam já no vertice de um pequeno cabo que avança do lado do oeste para a bahia de Faon.

Não querendo voltar para junto da menina de Gavre que se afastára nem confundir-me com o grupo que occupava o outro lado do tombadillo, d'onde me parecia ter ouvido sair algumas allusões mais malevolas do que espirituosas, proferidas pela viajante entusiasta, contra o isolamento em que nos conservavamos e sobretudo contra a pouca sensibilidade que havíamos mostrado pelos encantos da natureza, accendi um charuto e fui passear.

No momento em que chegava junto d'uns marinheiros que cantavam á proa, aquelle que estava na minha frente interrompeu-se bruscamente.

— Olé, marinheiro! disse elle interpellando um dos camaradas, voltas d'esse modo as costas áquella bella senhora que parece estar a deitar-te os olhos.

Voltei-me e o meu olhar, seguindo a direcção do do marinheiro, viu a luneta da viajante dirigida para o nosso lado.

— Não é para mim, respondeu o interpellado, depois de ter olhado tambem, é...

E vendo-me por detraz d'elle, sorriu-se e murmurou:

— Caluda!

— E o pobre velho que não vê nada! Tornou o primeiro que havia fallado.

— Então, o que ha de elle ver?

— Ora essa, que a esposa olha para toda a gente, até para o abbadessinho, a herege! Eu vi logo tudo e, no entanto, não tenho olhos.

— Aquillo marido? A minha opinião é que é o seu bisavô paterno, ou sempiterno.

— Se te digo que é o marido. A prova é que no bote, quando vinhamos ao pé d'ella lhe ouvi dizer *meu amigo*. Não se diz meu amigo, fallando com o avô.

— E alem d'isso, accrescentou um terceiro, eu conheço-a. Nascemos ambos em Chateaulin e vi o seu casamento ainda não ha oito dias. E diziam que tinha deitado o croque ao velho macaco porque tem dinheiro e a fará andar de carruagem e tudo o mais.

Afastei-me e subi para a ponte. Quando passava junto da tal mulher evitando olhar para ella, soltou um grito e o chapeo de sol caiu muito longe d'ella e muito perto de mim para que não fosse atirado. Apanhei-o e tendo-o dado ao marido que se precipitára com uma vivacidade de que só seria capaz uma ternura mais triste do que ridicula, passei fazendo um cumprimento ao marido e lançando um olhar desdenhoso á mulher.

TRADUÇÃO

Continúa

BRINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

II

Minha boa amiga :

Decididamente eu progredi como um caranguejo quando trequei os alcantis da nossa bella serra pelas avenidas d'esta cidade de alfice e capillé, á beira rio encalhada.

Chegam-me os bafejos do arrependimento ao ler cada uma das tuas cartas, crivadas de saudades do Manoel da Burra, o tio da Leocádia, tuas e da minha querida, vetusta e apergaminhada tia.

Durante estes quinze dias nada occorreu digno de menção; nem os janotas pelintras da porta da Havaneza nos mostraram um côco ou um collarinho mais ridiculo, nem a travada intelligencia dos imbecis do Suisso discutiu pela rama alguma obra apparecida no mercado.

Houve, apenas, freguezia de cuspo no café, sem manifestações bombasticas de talento em conta gottas.

Se não fosse a entrada da Quaresma e a dos toiros, se não houvesse a saída processional dos Senhores dos Passos, não teria assumpto para a costumada carta.

Imaginas que não me arrastava até aos toiros, porque era um trabalhão ir carregado com o cobertor de pápa, fogareiro e carqueja. Nem toda a gente pensou d'igual modo e, a razão é palpavel, se attendermos a que o Zé, farto de levar marradas dos bois guias, vai á praça aprender a fazer uns quites.

Podem não se mandar os pequeruchos á escola mas levam-se aos toiros; basta saberes que não ha ensino gratuito de artes e officios mas já houve uma escola gratuita de toureio.

Tambem não deve admirar-nos, tratando-se d'um paiz desembolado.

Mas... deixemos de ferir lume na pederneira do bom humor.

Agora, minha Maria Rosa, põe de banda o *crochet* e abre um parentheis no teu esclarecido cerebro.

E' occasião asada para referir-me ás procições dos Senhores dos Passos — fallo-te no plural porque duas são ellas, o que leva o alfacinha a suppor que, sendo duas as imagens, dois e diversos são os Senhores, um da Graça outro do Desterro, um bonito outro feio, um rico outro pobre, um vinho outro vinagre.

E' rasoavel. Confundiram-lhe o espirito limitadissimo com a representação bi-annual e quinzenal do mesmo factio religioso, o que em materia d'igreja não é corrente.

E' questão de não estar calhado em procições de pleonasmo.

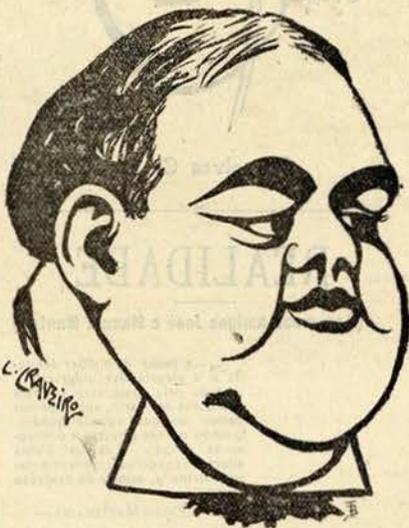
As cerimoniaes foram imponentissimas, embora eu reprove as procições, por ter a veleidade de suppor que, assim como a pimpinella nasceu para a saladá, os Santos foram feitos para o

recheio das igrejas, logar adequado ao respeito e veneração dos fieis, e não para andarem nas ruas expostos ao sol e chuva, ás vaias ou gracejos dos espirituosos e descrentes.

Como bom catholico e adorador de Deus fui-me até ao Rocio a ver a do Senhor da Graça. E' sempre a mais concorrida, porque o Senhor do Desterro julgam os peraltas e secias cá da Lisboa, ser outra entidade de menor cotação — a distancia hierarchica que medeia entre o chefe de repartição e o continuo.

Antes da passagem do cortejo processional encostei-me a um candieiro e entretive-me olhando as mulheres

Figuras do Palco



Actor Chaby Pinheiro

do burrié cosido, do tremçoço saloio, o homem da agua fresca ou capillé, representantes da alma nacional, e a disfructar o namoro d'um cadete com a Soisa e as parvoices das Pires, das Cunhas e quejandas que são o esboço do intellecto e bom tom de Portugal.

Passada meia hora chegou a procição. Quando a veneranda imagem, verdadeira ao peso do seu madeiro, ia deslisando, com a face voltada para mim, tive uma visão.

Pareceu-me ver animar-se aquelle santo rosto, abrirem-se aquellas dormentes palpebras e os puros labios vibrarem trementes deixando escapar baixinho estas palavras:

— Dize aos meus irmãos que não quero ser Rotchild; que não me amontoem tão grandes sommas, quando de tão pouco hei mister para velas, capas, igreja e mais despezas. Dize-lhe ser Eu aquelle que deu ao mundo o mais formidavel exemplo de humildade, de amor e de abnegação. Roga-lhe que peguem na minha riqueza — ironia mais causticante que as do Calvario — e, em meu nome, edifiquem casas de beneficencia, porque ha muita gente com fome, muito cego sem guia, muito velho sem asylo, muita creança orphã e sem

luz espiritual. Grita-lhe que, tudo isto se passa na cidade enquanto elles, de cabelo apartado e bigode hirsuto vão com o pensamento bem affastado d'aqui e sem consciencia d'este acto, pavoneando se dentro das capas, fazendo caretas para as janellas e catrapiscando as moçilas alinhadas pelos passeios. Eu, que fui bom, justo, amigo dos pobres, acariciador dos desgraçados, não posso consentir que em meu nome se accumulem quantias inuteis no estado actual, quando era tão facil, tão altruista, tão digno do meu passado, empregal-as na construcção de asylos, de escolas e hospitaes.

Fiquei extatico e na duvida de ter sonhado. Olhei para o fim do largo e pude ainda enxergar o andor aos solavancos nos hombros dos seus conductores.

Deve ter sido verdade, prima.

O verdadeiro Deus, aquelle que nos ensinaram a adorar, não poderá pensar d'outra forma.

Adeus. Um abraço do

Teu primo

LAMPARINA.

Mentirosa?

Que mentira que dizias
dizendo teres-me amor!
Era mentira e mentias
só pr'a me causares dôr
Dizendo o que não sentias!

Pr'a que foi que me enganaste
enganando uma alma pura,
que em duvidosa mudaste!
Quem sonhára ter ventura
desventurado tornaste!

E eu que em ti acreditei
crendo que eras verdadeira,
d'esse mau sonho acordei!
Vi-te sorrir prazenteira
e vendo-te rir, chorei!

Chorei por esta illusão
em que illudido trazias
o meu pobre coração!
E em quanto eu chorava, rias,
sem de mim ter compaixão!

Essa tua crueldade
que só tristura me inspira
ha-de matar-me, oh se ha-de!
E's a imagem da mentira
e eu cria seres a verdade!

12-3-908

H. A. BACELLAR.

Cumulos

Da bondade — Fazer um diabo de pau santo.

Da marcenaria — Fazer cruces na bocca.

Fazer a barba.

Ferrar um cão.

Tomar resoluções ás colheres.

Portugal pittoresco



PASTAGENS NA GOLLEGÃ — Photographia do fallecido amador Carlos Relvas

NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÉRES

José Augusto de Mello Vieira

VIII

Era preciso comunicar para o governo geral e para a metropole, como na allocução ao içar-se a bandeira na embala disse o commandante Roçadas, o desagravo da affronta de 1904. D'esta missão o incumbiram expontaneamente trez officiaes, o capitão Montez, tenente Lusignan e alfesres Costa, que conjuntamente com uma ordenança (cujo numero e nome com pezar tenho de omitir por ignorancia) vieram desacompanhados de escolta trazer noticias ao forte Roçadas.

Não cabe na despretenção d'estas notas mais que referir-mo-nos ao facto em si, mas o leitor intelligente suprirá a deficiencia com a apreciação que é devida a tão importante missão.

A 24 partiu um comboio para a rectaguarda escoltado pelo 12, 10.º de landins, 2.º de dragões, uma secção Canet e auxiliares.

O 2.º de dragões saindo do bivaqué devastava os arredores levando a toda a parte na ponta das suas lanças o incendio a centenas de libatas. Durante a noite choveu torrencialmente, chuva

que continuou em 25, obrigando-nos no dia seguinte, em vista do terreno estar alagadissimo, a mudarmos o bivaque para dentro da embala.

O forte, actualmente D. Luiz de Bragança, começado em 24 continuava, sob a direcção do capitão Patacho seu futuro commandante, a occupar não só as tropas indigenas mas contingentes de tropa europeia.

Pela primeira vez se construíram abrigos para os soldados e officiaes, telheiros de capim e barracas do mesmo material.

Em 28, pelas 5 horas da manhã, alvorada, sem toque, e tudo se começou preparando para assistir á cerimonia do içar da bandeira no novo forte. Toda a força tomou a formatura em quadrado com o mastro da bandeira ao centro; na linha de fogo o piquete de prevenção formaria tambem. O corneteiro d'ordens tocou a sentido, a commoção é geral, os clarins e corneiros tocam pela primeira vez no territorio cuamato a marcha de continencia, a artilharia salvou, todos apresentam armas e aos gritos de vivas saídos de todas as boccas e arrancados do fundo de cada coração, a nossa querida bandeira vae subindo lentamente olhandos e sorrindo. Que momento solemne!

No meio de profundo silencio o commandante diz então: — Marinheiros e soldados da columna: — Ha 3 annos muitos dos nossos camaradas cairam

como heroes, mortos pelos cuamatas nas proximidades do vau de Pembe. Ha 3 cruéis annos tambem que a desforra da nossa parte começou e não tem cessado. O anno findo hasteou-se pela primeira vez a bandeira Portugueza em terras de Cuamato e então no momento da inauguração do forte disse eu que essa bandeira symbolo da Patria, deveriamos transporta-la ao interior do Ovampo Portuguez e definir com ella os nossos direitos legais. Assim se fez e a vós valentes soldados coube a honra do desagravo de 1904 e da implantação do nosso dominio n'esta região

A bandeira das quinas sempre gloriosa atravez dos seculos, abatida por um momento de luto, ergue hoje a fronte activa devido ao vosso heroismo, á vossa constancia, á vossa valentia.

No Mufilo a 27, no Aucongo a 28, 29 e 4 de setembro, na celebre marcha de 13 sobre um fogo de 6 horas para o Damequero, os renhidos atáques de 15 e 20 e finalmente na carga á bayoneta na Inhoca, vós portaste vos com tal serenidade e valentia que, se não excedesteis, igualasteis pelo menos o heroismo Portuguez das epochas gloriosas das conquistas d'Asia e Africa.

Quando entrardes nas vossas aldeias, quando regressardes aos vossos quartéis, valentes marinheiros e soldados, deveis faze-lo de cabeça erguida, as vossas Mães, Paes, Irmãos, Noivas, os

vossos camaradas e amigos verão em vós o typo épico do soldado lusitano — o primeiro do mundo —.

Não me esqueço dos nossos companheiros mortos e feridos. Não! Se em mim julgaste alguma vez perceber a indiferença enganastes-vos, sentia a máguia como vós, não a mostrava para não semear no vosso coração o desanimo. Lembrai-vos que é sobre as ossadas e as dôres dos martyres que as nações levantam a sua frente cheia de vida e d'orgulho.

«Escolhendo o dia de hoje para a inauguração da nossa occupação do terreno Cuamato quiz assim prestar a homenagem que é devida a El Rei, chefe supremo do exercito de terra e mar.»

Novos vivos entusiasticos remataram estas palavras e, em quanto as cornetas tocavam, iam as unidades retirando passando pela frente da bandeira e recolhendo aos seus logares.

(Continúa)

ARTE DE TEATRO

Nossa Senhora de Paris, drama em 5 actos, e 12 quadros, traduzido por Maximiliano d'Azevedo — T. Príncipe Real, 14 Março

A noite de sabado, 14, no Príncipe Real, foi fértil em commoções. Não julgemos os nossos leitores que as commoções de que falamos sejam filhas das variadas e complexas manifestações de arte que sempre se aguardam ao assistir-se a peça nova de que se ignora a intenção do auctor, e quaes os fins a que visa. Não! Todos os sentimentos que a plateia dessa noite experimentou, foram exteriorizados antes de subir o panno por uma anciedade que se não descreve.

Era a reaparição do actor Alvaro. Quasimodo, entra. A multidão de scena rodeia-o. Camarotes, cadeiras e geral, querem perscrutar a travéz da caracterisação laboriosa os traços fisionomicos de Alvaro. E' apanhado pelo olhar altivo e sobranceiro de quando o poivava sobre a plateia em pezo. Segundos decorridos, Quasimodo ouve pelo mecher dos labios dos elleiçoeiros d'então, que foi nomeado: Papa dos Doidos! E ao dizer: — «Ah sim? Ainda bem» os conhecimentos antigos bramam unisono: — «E' a voz d'elle!» A mesmíssima voz! E Alvaro, o artista fogoso, idolatrado outrora pelos frequentadores principerealescos, é alvo de nutrida salva de palmas. Está feita a apresentação. Alvaro, voltou a ser o que era. Isto é, creou desde logo graves responsabilidades a que o verdadeiro artista se não exime: é profissional novamente e na contingencia de agradar ou não. Os seus proprios amigos tornaram-se censores. O publico — teatral foi substituido pelo publico — jurado. Sigamos os debates. A audiencia interessa visto tratar-se dum caso esporádico.

Nossa Senhora de Paris, são 12 quadros extraídos dos bocados mais empolgantes do celeberrimo romance de Victor Hugo, decorado pelos francezes, como os *Luziadas*, pelos portuguezes. Victor Hugo, teve um amigo, Paul Maurice, e este abusou da de-

dicação fazendo do livro uma peça de teatro. Não podendo harmonisar com os requisitos scenicos as exigencias da literatura hugueana, teimou e conseguiu impingir um pastellão que o sr. Maximiliano d'Azevedo por sua vez impingiu ao sr. Luiz Ruas. Precisava-se dum bôde expiatorio para arcar com o depositario das taras quasimodianas. Toca a ir buscar o sr. Alvaro, entretido a cacar nas horas vagas e a arrotear os campos consoante as estações. Um namoro impudico lhe foi feito. Muitos acênos de *l'argent*, e o sr. Alvaro annuiu...

O sr. Alvaro, lembrou-se do seu passado artistico, triunfante. Mas como durante o longo feriado não soube da evolução que o teatro portuguez tem sofrido, meteu pés ao caminho e ell'o na pelle do heroe das miudezas de Hugo. A declamação gutural, enlêvo de muitos cabelos brancos que á sua reapparição assistiram, foi ouvida sem interesse, quase censurada. O brilho da representação natural que deu nome a alguns comediantes de hoje, ausentou-se de todo o trabalho do sr. Alvaro. O gesto que, cortando o espaço desenhava atitudes romanticas de mystica inspiração, foi ainda o mesmo gesto falso a que a figura se não prestaria. Em summa, o sr. Alvaro esqueceu-se do que Sarcey uma vez disse d'um actor francez: — «Félicz do artista dramatico que souber morrer a tempo».

O sr. Luciano, é que teve positivamente as honras da representação, de parceria com a sr.^a Luz Velloso. Se a peça tivesse unidade na estrutura, o trabalho seria impecavel. As saliencias que houve derivaram de scenas melhor ensaiadas. O sr. Luciano representou admiravelmente toda a scena no 7.^o quadro com o sr. Arthur Rodrigues. Foi uma das melhores da noite, assim como a do 10.^o quadro com a sr.^a Lucinda do Carmo.

A sr.^a Luz Velloso, de figura bem composta, teve a infelicidade de, na scena capital do seu papel, o reconhecimento da filha no 11.^o quadro, quase se não ver o seu trabalho, occulto pela collocação do scenario de forma que a parte da plateia á sua esquerda nada viu, por mais esforços que empregasse. O encenador deveria ter reparado nesse maldito prepeço!

O sr. Carlos Leal, errou por completo na interpretação do poeta Gringoire. E errou, porque desconhece a historia franceza. Victor Hugo ao pôr Gringoire no seu romance quiz patentear bem o que um artista sofre, enquanto a recompensa da egoista sociedade que o rodeia, nelle não atenta. E' afinal a historia dos artistas de todos os tempos. Todas as visagens que accusam fome, interpretou as o sr. Leal dando-lhe laivos comicos, inflexões burlescas. Não é isso, sr. Leal. Gringoire deveria impressionar o auditorio, e o seu Gringoire é demasiado ridiculo para se impôr á consideração dos que o conheçam bem da tradição poetica. Desculpe sr. Leal, mas Gringoire existiu, e quem fôr um pouco liido, conhece-lhe bem a psicologia.

O scenario não tem perspectiva para o palco do Príncipe Real. Os artistas mais baixos de figura ficam com a cabeça na altura do primeiro andar dos predios da Praça da Gréve. A encenação por vezes hesitante.

Conclusão: A noite de sabado, apesar de todas as contrariedades, deu-nos a impressão de quanto se tem avançado na maneira interpretativa dos nossos artistas. Não é imaginação nossa: o publico é que no'lo disse ao rir-se baixinho da declamação emphatica do sr. Alvaro; das constantes subidas e descidas dum panno, que por signal, é papel; da successão de quadros, alguns com tres ditos só, e da carpideira musical do sextetto nos momentos patéticos do drama.

O *Genro do sr. Poirier*, 4 actos de Emite Augier. Tradução (?) T. D. Amelia, 14 de março de 1908.

Dumas e Augier, foram dois grandes dramaturgos. Ambos tornaram conhecida do

mundo inteiro a literatura dramatica franceza. Dumas, foi um artista romantico. Augier, um artista psicologo. Dumas venceu Augier, porque explorou a ignorancia das plateias d'então. Augier, actualmente, esmagou Dumas porque é simplesmente humano. O teatro de Dumas ficará como modelo de sentimento falso e anti-scienfifico. O teatro de Augier será respeitado como um periodo de transição para a propaganda de ideias por via do proscenio.

Os caracteres das suas peças são verdadeiros, e o *genro do sr. Poirier*, no'lo mostra. Por isso mesmo, uma peça d'Augier é sempre difficil de representar. Desta vez encontrou nos artistas, Chaby Pinheiro, Carlos d'Oliveira e Lucilia Simões, a sua precisa exteriorisação. A complexa personagem do sr. Poirier, teve no sr. Chaby um interprete intelligente e digno. O seu trabalho é interessantissimo, porque é intelligente, vindo mais uma vez provar que a intelligencia em teatro é tudo. Bouthet de Monvel, era no fisico anti-esthetico. Ao entrar em scena maleabilisava-se á feição idiosincrasica do papel. Esse *milagre* era operado pelo cerebro. Chaby identificando-se com o sr. Poirier, é um pouco o celebre actor francez. O sr. Carlos d'Oliveira, meteu-se e bem na pelle de aristocrata, Senhor de Presles. Foi sobrio, e ser-se sóbrio é meio caminho andado para um actor que aspire a ser *alguem*.

A sr.^a Lucilia foi encantadora na Antonietta. No emtanto, não é dos papeis que lhe vão melhor ao seu feyto artistico. O sr. Alves, correcto, assim como os srs. Antunes e Rafael Marques.

O *Alma Penada*, opereta em 3 actos, original de J. Almeida e Galhardo, musica de Caljeron. T. Avenida, 17 Março 1908.

Carmen Cardoso, é uma creaturinha de véras interessante na convivencia com pessoas amigas que a rodeiam. No palco é a mesma figura cheia de graça mordente. Pôde chamar-se artista a quem é no proscenio a repetição da vida intima? Parece-nos que não. Artista é todo aquelle que não exteriorise a individualidade propria, mas a alheia que lhe fôr confiada. Portanto se chamármos artista a Carmen Cardoso, incorrêmos no grave erro de definir mal uma interprete da arte mais complexa, em nossa opinião. Todavia Carmen, exerce sobre a plateia poder enorme. Porquê? Porque tudo que ella faz, desde o meneio gentil do seu corpo maleavel á nota musical dum vocalisação particular, é tão seu, que esquecêmos a interprete artistisada para só visionármos a mulher magra, mas estêta; a cantora sem escola, mas sabendo-nos bem ouvi-la.

O *Alma Penada*, que Carmen levou em sua recita de escritura, é, — segundo o cartaz — uma peça de costumes trasmontanos. Tão pouco acentuada é a sua topografia, que nos não deu a impressão forte e mascula de se degladiarem num episodio para rir, brigantinos ou mirandezes. Depois esse episodio é tão gasta já na sua factura, que não desperta o riso — unico mobil que os auctores tiveram.

Disseram nos ser a peça, original do sr. Luiz Galhardo! Ha engano, certamente. O artista — pensador d'*A Primeira Pedra*, é demasiado honesto para firmar brincuecos, como *A Filha das Ondas* e *O Alma Penada*! Não, não acreditámos! Fazêmos-lhe essa justiça...

O desempenho... chut...

MARIO LAGE.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Um dos predicados mais essenciaes a uma boa corrida de touros, está dito e redito, é o sol quente: Sem isso não

ha toureiros que se possam luzir, nem lavrador que possa crear cartel.

Ora foi justamente esse predicado que faltou á corrida que no passado domingo se realisou no elegante redondel do Campo Pequeno.

As bancadas não tinham a enchente que se vê sempre n'uma corrida de inauguração. Os camarotes e mais logares superiores também se ressentiram da mesma falta.

O dia, claro sim, mas agrestemente ventoso para isso concorreu.

Foi de certo por uma grande força de vontade que toda aquella gente se reuniu para ver a tourada, quando a tarde mais convidava a estar no quente, jogando o sólo, por exemplo.

De quando em quando os creados do buffete apregoando cervejas e gazozas, com que nos faziam appetites de café quente e aguadente.

A's tres e meia em ponto compareceu no seu logar o sr. Carlos Martins, e, estando no respectivo camarote a auctoridade que devia presidir ao espectáculo — e francamente não sabemos quem era, porque estava lá muita gente — deu-se principio á lide dos touros do sr. Emilio Infante da Camara.

E' este sem duvida o lavrador que mais numero de curros fornece para a nossa principal praça, e por isso o seu nome no cartaz é segura garantia de que, quando o gado não seja bravo, apparece, pelo menos, em boas condições de lide.

Effectivamente assim succedeu no domingo, pois se os bichos eram um tanto ou quanto desguaes e alguns mal intencionados todos mais ou menos denotaram no entanto uma ou outra boa qualidade, havendo mesmo entre elles alguns com todos os requisitos para ali se apresentar.

Abriu a corrida o cavalleiro Manuel Casimiro que ninguem esperava ver ali tourear esta epoca, em vista das desavenças havidas no anno passado entre elle, seu filho e a Empreza Santos & Comp^a.

Não esteve Manuel Casimiro, manda a verdade que se diga, n'uma das suas mais felizes tardes. Logo no primeiro touro, em virtude de se ter chappado o seu *Isabel*, apanhou um susto tremendo, valendo lhe de muito a oportunidade dos peões. Ao 6.º também pouco fez digno de menção, por o touro ser dos peiores da tarde.

Fernando Pereira, que luctou toda a tarde com os seus cavallos — a ponto de, no 4.º touro, pedir licença para mudar de montada — foi mais feliz no trabalho do que o seu collega de Vizeu.

Procurou variar a lide fugindo da conhecida meia volta, e mais faria se o corcel o ajudasse.

Achámos de muito mau gosto, francamente, que este artista fosse declarar ao director da corrida que não trabalhava com o auxilio do bandarilheiro Theodoro Gonçalves. O resultado foi o publico tomar o partido d'este artista,

Fernando Ricardo ter de obedecer ás ordens do intelligente.

As coisas não se fazem assim, amigo Fernando.

Ainda no anno passado, aconteceu que, um bandarilheiro dos mais cotados não lhe agradando que certa corrida na Figueira da Foz fosse dirigida se não por entidade muito da sua confiança, e não por quem estava para o fazer, escreveu á empreza impondo-lhe um director — ou que não trabalharia. E a Empreza foi forçada a acceitar a imposição, e o publico nada soube, aliás, o que aconteceu no domingo a Theodoro Gonçalves, teria de certo succedido n'esse dia á pessoa que estava para dirigir a corrida.

O espada *Revertito* pouco fez com o capote e muleta, porque o vento maldito que soprou toda a tarde não lh'o permittiu. Ainda assim deu alguns recortes — capote no braço — ao estylo de seu tio, e ouviu palmas. Com as bandarilhas distinguui se, toureando no 5.º — um animal muito nobre mas muito feio — em que collocou alguns pares magníficos, com especialidade um cambio com as de — a quarta.

Os nossos bandarilheiros pouco fizeram, também. Apenas um ou outro pasto de Torres, Rocha e Cadete, e um bello trabalho de bandarilhas por Luciano Moreira, um que principia e que tem grande vontade, e *Malagueño*, um hespanhol que, se nos não enganamos, está destinado a substituir o inolvidavel Philippe Aragó, — *Minuto*.

Na brega salientaram-se Theodoro, que no quarto touro se expôz demasiadamente e foi de uma opportunidade rara, e *Malagueño*.

O trabalho dos forcados foi simplesmente detestavel. Não ha maneira dos cidadãos de barrete se unirem. Por que se não acaba com elles Até n'uma pega de cernelha, n'um touro que *espal dava* maravilhosamente, fizeram fiasco! E eram nada menos de sete na praça!

A direcção energica e acertada, excepto, — salvo melhor opinião, — em não fazer recolher o cavalleiro Manoel Casimiro quando se desembolou o 1.º touro, e mandando-o voltar depois de lidado o segundo, tendo, durante este intervallo, composto o toucado do bicho, e não nos fazendo aborrecer durante oito minutos.

ÉMECÉ.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Noemia C. C. A.

Economica, com tendencia para a avarêza. Boa administradora dos seus bens e esplendida dôna de casa. Habilidade especial para tratar dos negocios a que só os homens costumam dedicar-se. Encontra em si o vigôr e o calor necessarios para qualquer comettimento, mas, por vêzes assalta-a a timidez e nessas occasiões sente apoderar-se de tôdo o seu sêr um desa-

lento profundo. É fundamentalmente honesta e d'alma generosa. Não será maldizente, mas haverá no seu caracter uma pontinha de irascibilidade.

A sua ira não será perigosa nem de longa duração. Os homens nescios, vulgares, pouco cultos, não exercerão influencia alguma no seu coração.

Podem sêr bêlos como Adonis, nunca serão amados. Dos vinte e cinco aos trinta annos dar-se-ha na sua vida uma mudança brusca. Para bem? Para mal? Os astrós não o dizem.

Será excelente mãe de familia, mas seu espôso queixar-se-ha de que a minha amavel consulente lhe não trata com disvêlo da roupa branca... e da outra.

Podê dizêr-se que a vida social de Noemia C. C. A. não será carne nem peixe.

Uma massada, talvez!

Triste!

Quando inda ha pouco vos vi, vi com immensa surpresa n'esses olhos tal tristeza que entristecer me senti.

Que vos diga, permitti, permittindo-me a franqueza, já vos não acho belleza tão bella vos conheci.

Foi com certeza desgosto que traz sem vós perceber-vos, tão desgostado esse rosto.

Se é paixão que em vós existe prefiro, eu que anceio vêr-vos não vos vêr, a vêr-vos triste.

ARTHUR C. D'OLIVEIRA.

Semana Alegre

Uma creada de Vizeu:
— A senhora dá-me *binagre* p'ra botar n'uma pancada que deina canna da perna?...
A patroa, recta pronuncia:
— Não se diz canna da perna, é tibia.
A creada rindo muito:
— Tibia?! Isso é uma coisa qu'a gente tebe mas já não tem.

VARIÉDADES

Pastellinhos de noiva. — Amassam-se tres litros de farinha de trigo com 250 gr. de assucar e tres gemmas d'ovos; depois de bem sovadas e duras, fazem-se os pastellinhos do tamanho de moedas de duzentos réis e de altura de dois dedos e ponham-se a coser vazios; quando estiverem meios cosidos, encham-se de manjar real e corem-se com a tampa de braças ou mandem-se ao forno e corados vão á mesa.

POSTA RESTANTE

Tagarote — Fique certo que não lhes tocámos, nem mesmo para os mandar para a typographia.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O CONCURSO DA 2.ª SERIE

Premio-UM TINTEIRO DE PRATA

Condições do Concurso

- 1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
 - 2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
- As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradorez resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradorez que ficarem classificados em 2.º e 3.º logares.

Decifrações

Do numero 25

Corja — Caramelga — Relogio — Santello — Atocalto — Radiometro — Chaves — Rebello — Romeiro, romeira; Palmeiro, palmeira — Abub, buba — Lenço, lenção — Mel, fel — Unhagata — Lamego — Fevereiro quente traz o diabo no ventre — Antes ser estúpido que teimoso — Catatua — Hirto.

Do numero 26

Guarda-matto — Borrachão — Obituario — Eoleo — Capile — Zaragatoa — Ricardo — Gamo, gamão — Entreposto — Grenato, Renato — A mã chãga sara e a mã fama mata — O tempo é relógio da vida — O palreiro agudo faz do seu amigo mudo — Oróbo.

Errata

Nas decifrações do n.º 24 publicadas em o n.º 25 onde se lê *noventa* deve lêr-se *nove*.

Logogriphos

Rapidos

A penedia
1, 2, 3, 4

Do Nilo
5, 6, 7

E' dos campos

LITRAS

Duas vezes
1, 2, 3

Bolo

Refugio
4, 5, 6, 7, 8

PINGOLINHAS

Charadas

Novissima

Vi n'uma arvore junto do rio certa parreira-2-2.

BAILIO

Truncada

A aleijada na garupa-2.

LONGIM CYSNE

Syncopada

3-Esta cidade tem uma bonita praia-2.

APOLLO

Biforme

Chopo-3.

AÇNAREPSE

Metamorphose

Está a mensurar e a deprecar-2 (M. P.)

CHAMPION

Enygmas

Typographicos

N S

PIMPUM

TON

REI DOS DOIDOS

EE + R

TE

C. C.

Numero

TIRA MITRAS & C.ª

Por iniciaes

F P E B T P A

2 2 1 1 3 1 2

J. P.

P Q T F N H P R

2 1 1 2 1 1 1 2

J. P.

De palitos

--	--	--	--	--	--	--	--

Tirando 11 palitos fica uma arvore.

J. P.

--	--	--	--	--	--	--	--

Tirando 9 palitos é fogo.

J. P.

Artigos a decifrar, 15.

Aos Curiosos Dramaticos

UMA PARTIDA DE QUINO

Um acto em verso de

XAVIER DA SILVA

Peça actualmente em scena no theatro do Gymnasio

A' venda nas principaes livrarias

Pedidos á redacção do "Azulejos"

Preço 200 réis

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

OLHOS PRETOS

FADO

Liberato de Sá Pianna Brandão

PIANO

The musical score is written for piano and consists of five systems of music. Each system has a treble and bass staff. The first system begins with a dynamic marking of *f*. The second system includes a dynamic marking of *sf*. The third system features a *rallent.* marking above the treble staff and an *express.* marking above the bass staff. The fourth system concludes with a *p* dynamic marking. The score is enclosed in a rectangular border with decorative corner ornaments.

NO PROXIMO NUMERO:
MIMI - Valsa por D. OLIVIA DE SÁ